TL 7259

TRIBUNAL PERMANENTE DOS POVOS
SESSÃO SOBRE TIMOR-LESTE
LISBOA 19, 20 e 21 JUNHO 1981

Resumo da comunicação de
Patrick Walsh
sob a responsabilidade do
Gabinete de Imprensa

AS IGREJAS E TIMOR LESTE

A resistência à integração na Indonésia não se limita á Fretilin ou à guerrilha. Embora os militares indonésios tenham tido um relativo sucesso nos seus esforços para separar fisicamente o povo da Fretilin, falharam no campo psicológico ao não conseguirem fazer esquecer os profundos sentimentos anti-indonésios existentes no povo timor. Os religiosos indonésios, os funcionários das organizações de assistência e os militares são igualmente objectos desta ressentimento. Como comentou um religioso indonésio: " Os indonésios não-militares são vistos como parceiros das forças armadas, (que é vista pelo povo como composta) por pessoas cruéis e despidas de qualquer sentimento ou moralidade". Esta mesma pessoa mudou de nome porque os timores não gostam de nomes javaneses. Tem relutância em falar com ele com medo de que transmita informações. Evitaram-no em especial quando fez o erro de usar botas de cano alto que o povo associa com o uniforme militar.

Os enormes sofrimentos e humilhações às mãos de estrangeiros são os responsáveis deste ressentimento. "São todos 'Fretilin' neste aspecto", segundo um padre timor. É uma atitude comum não querer aprender o Bahasa Indonésio, o escolher as escolher as escolas católicas em vez das governamentais, o colaborar com a resistência das guerrilhas dentro de certos limites, o ficarem "confusos e desadaptados" com a vida nos campos de repovoamento e o quererem abandonar Timor Leste (o Departamento de Imigração da Austrália refere cerca de 20 000).

Um importante foco destes sentimentos é a cabeça da Igreja de Timor Leste, Monsenhor da Costa Lopes. Não só se recusa a integrar a Igreja Católica de Timor Leste na Igreja Católica Indonésia como continua a apelar para uma solução da ONU, através de um plebiscito genuíno para se conhecer a vontade do povo.

Todo o significado deste desafio à Indonésia se torna claro quando se sabe que a percentagem de católicos em Timor Leste subiu de 30% antes de 1975para mais 50% nesta altura. Seja qual for a profundidade da fé destes recém convertidos vindos das anteriores crenças religiosas tradicionais, o seu ingresso na Igreja Católica bastante influente e indígena é mais uma prova das suas aspirações para não mencionar a evidente procura de segurança e protecção.

A Igreja Católica Indonésia respeita a autonomia da igreja de Timor Leste e apoiada pelo Vaticano, que a avisou no sentido de parar com a pressão integracionista, adoptou uma política de serviço separado. Esta política não fica muito longe de um apoio político activo. Segundo um membro da igreja indonésia, esta " não pode ajudar (a Igreja em Timor) da forma que uma grande parte do povo timor gostaria, nomeadamente a conquistar a liberdade, separando-se da Indonésia e tornando-se um Estado Timor autónomo".

Pelo seu lado, o Vaticano, que assumiu o controle directo sobre a Igreja de Timor Leste, tem tido uma posição ambivalente. O Secretariado de Estado do Vaticano considera Timor Leste um país ocupado no qual não houve um acto genuíno de autodeterminação e não reconhecerá Timor Leste como parte da Indonésia enquanto o povo e/ou a ONU não indicarem que é esse o seu desejo. Por outro lado, o Vaticano recusa-se a tornar esta sua posição pública, não participa nas deliberações anuais da Onu sobre Timor Leste através do seu representante permanente, e é representado em Djakarta por um Núncio que aceita a presença indonésia em Timor Leste como um "fait accompli" e que acredita que a situação debaixo da Indonésia é melhor do que era debaixo de Portugal.

Infelizmente os pecados por omissão da Igreja Católica internacional só foram excedidos pelos pecados activos dos protestantes indonésios. Refém do seu medo do Islão e do seu profundo complexo de inferioridade, o Conselho das Igrejas Indonésias alinhou inteiramente com o Governo Indonésio na questão de Timor Leste. Os relatórios deste Conselho acusam a Fretilin de ser a responsável pelo

sofrimento dos Timores, ~~minimiza~~ diminui o número de mortos, apoia o programa governamental de repovoamento, apela para a transmigração, e culpa a Imprensa australiana pelo falhanço do programa para reencontro das famílias. Na prática, o seu programa acelerado de apoio a Timor Leste e o crescimento acelerado da comunidade protestante tem sido conduzidos em próxima colaboração com os militares indonésios em vista a uma total integração.

Não é pois de surpreender que a posição do Conselho das Igrejas Indonésias tenha suscitado um imenso debate na comunidade protestante ~~internacional~~ internacional e que o Conselho das Igrejas Australianas ~~tenha decidido~~ tenha decidido canalizar o seu apoio a Timor Leste através da Igreja Católica de Timor Leste em vez do Conselho das Igrejas Indonésias.

Poder-se-ia ser tentado a desculpar o Conselho das Igrejas Indonésias na base de que a campanha de desinformação e secretismo do Governo Indonésio sobre Timor Leste ocultou os verdadeiros factos e enganou os bem intencionados. Apesar de tal situação poder ter eido legítima já não é o caso. Timor Leste já não é um segredo militar na Indonésia. Nem as razões alegadas pelo Governo indonésio p ara a anexação do seu vizinho são actualmente aceites. A ignorância deu lugar a um sentimento de tristeza, ou mesmo raiva, em relação áquilo que transpirou de Timor Leste, especialmente entre aqueles que lá estiveram, e um número crescente de indonésios bem colocados considera que Timor Leste é de "nossa responsabilidade" pelo menos no campo dos direitos humanos.